

LAUREN KATE

Paixão

— *Livro III da série Anjo Caído* —

Tradução

Irene Daun e Lorena

Nuno Daun e Lorena

LIVROS FANTÁSTICOS

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Lauren Kate e Tinderbox Books, LLC
Publicado com autorização de Tinderbox Books
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL
© 2009, Planeta Manuscrito

Título original: *Passion*

Revisão: Clara Joana Vitorino

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Junho de 2012

Depósito legal n.º 342 219/12

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-288-4

www.planeta.pt

Se não me apanhas ou não me encontras aqui ou ali,
Não percas a coragem
Porque estou algures à tua espera.

Walt Whitman, *Canto de Mim Mesmo*

PRÓLOGO



O Cavallo Negro

LOUISVILLE, KENTUCKY, 27 DE NOVEMBRO DE 2009

Um tiro. O portão abriu-se. Os cascos dos cavalos começaram a ecoar ao longo da pista, qual trovão.

– Lá vão eles!

Sophia Bliss ajustou a aba larga, setenta centímetros de diâmetro, do chapéu cor de malva adornado com penas e um véu de *chiffon*, com tamanho suficiente para fazer dela uma entusiasta de corridas de cavalos, mas sem ser berrante ao ponto de atrair as atenções.

A mesma modista de chapéus de Hilton Head recebera três encomendas especiais para as corridas daquele dia: a touca amarelo-clara que cobria os cabelos cor de neve de Lyrica Crisp, sentada à esquerda da menina Sophia a saborear uma sanduíche de carne, o chapéu de feltro verde-mar com uma fita larga de cetim às pintas que coroava a cabeleira negra de Vivina Sole, de modo recatado sentada com as luvas no colo à direita da dita menina Sophia e o de aba larga desta última.

– Que dia maravilhoso para as corridas! – exclamou Lyrica, de 136 anos, a mais nova das Anciãs de Zhsmaelim, limpando a mostarda num dos cantos da boca com um dedo. – Acreditam que é a primeira vez que venho aqui?

– Chhh – sibilou Sophia. Lyrica era uma parva porque não estavam ali por causa das corridas, antes para assistir a uma reunião clandestina de grandes cabeças. O facto de ainda só elas terem chegado não queria dizer

nada. Os outros deviam estar a aparecer a qualquer momento. O local do encontro, um sítio neutro, lia-se nas letras douradas do convite que Sophia recebera de um remetente desconhecido. Os outros acabariam por aparecer com um plano de ataque conjunto, pensou ela, esperançosa.

– Um dia lindo, um desporto maravilhoso – disse Vivina com secura. – É pena o *nosso* cavalo não correr tão bem como aquelas poldras, não é, Sophia? Em que lugar irá acabar a puro-sangue Lucinda?

– Eu disse *chhh* – murmurou Sophia. – Cala essa boca. Isto está cheio de espões.

– Estás paranóica – replicou aquela, provocando uma risadinha de Lyrica.

– Sou a última – disse esta.

Costumavam ser muitas mais – vinte e quatro Anciãs no auge de Zhsmaelim, um grupo de mortais, imortais e algumas eternas como a própria Sophia, um eixo de conhecimento, paixão e fé com um único objectivo: devolver o mundo ao seu estado anterior à Queda, àquele breve e glorioso momento anterior à Queda dos anjos, para o melhor e para o pior.

Estava escrito no código que tinham elaborado e assinado: *Para o melhor e para o pior.*

Porque tanto podia acontecer uma coisa como outra.

Todas as moedas têm duas faces: cara e coroa, luz e trevas, o bem e...

Sophia não tinha culpa que as outras Anciãs não se tivessem preparado para as duas opções, mas custara-lhe receber a notícia da sua desistência, uma a uma: *Os teus propósitos são cada vez mais sombrios. Ou: O nível da organização desceu muito. Ou: As Anciãs afastaram-se do código original.* As primeiras cartas tinham chegado, como seria de esperar, uma semana depois do incidente com a miúda Pennyweather. Não podiam tolerar, diziam elas, a morte de uma criança, por mais insignificante que fosse. Um descuido com um punhal e as Anciãs fugiam, assustadas, com medo da ira da Escala.

Cobardes.

Sophia não tinha medo das ordens da Escala, que existiam para condicionar os caídos, não os justos, os anjos como Roland Sparks e Arriane Alter. Desde que não se desertasse do Céu, podia-se balançar um pouco. Os tempos iam difíceis. Sophia quase entortara os olhos ao ler as desculpas

mal arrançadas das desertoras; mesmo que quisesse o seu regresso, que não queria, já não havia nada a fazer.

Sophia Bliss, a bibliotecária que nunca passara de secretária de direcção do Zhsmaelim, era agora a figura principal das Anciãs, das quais só restavam doze e das quais só três eram de confiança, as que estavam ali de chapéu, a apostar nas corridas. E à espera, o que era patético.

Uma das corridas chegou ao fim. Um altifalante roufenho anunciou os vencedores e as probabilidades para a corrida seguinte, enquanto as pessoas endinheiradas conversavam, muito animadas, e os bêbedos se afundavam nas cadeiras.

Uma rapariga de cerca de dezanove anos, rabo-de-cavalo louro-claro, gabardina castanha e espessos óculos de sol, subia devagar os degraus da bancada na direcção das Anciãs.

Sophia retesou-se. Que vinha *ela* ali fazer?

Era quase impossível adivinhar em que direcção ela estava a olhar e Sophia manteve o olhar desviado, apesar de saber que ela era cega. Mas...

A Proscrita anuiu na sua direcção.

Sim, porque aquelas malucas eram capazes de ver a luz da alma de uma pessoa. A de Sophia era difusa, mas ainda devia ser visível.

A rapariga sentou-se na fila vazia, à frente das Anciãs, virada para a pista, brincando com uma nota de cinco dólares que não podia ver.

– Olá – disse a Proscrita com voz monótona, sem se virar.

– Não sei o que vieste aqui fazer – replicou a menina Sophia com a fronte perlada de suor apesar do dia húmido de Novembro. – A nossa colaboração terminou quando o teu bando não conseguiu salvar a rapariga, por mais que diga esse tal Phillip. Toda a gente sabe que os Proscritos não são de confiança – acrescentou ela, inclinando-se para a rapariga de nariz franzido.

– Nós não estamos interessados em ti – replicou a Proscrita, sempre a olhar em frente. – Tu não passaste de um meio de nos aproximarmos de Lucinda. Não estamos interessados em «colaborar» contigo.

– Hoje em dia ninguém quer saber da vossa organização. – Passos na escada. O rapaz era alto e magro, tinha a cabeça rapada, uma gabardina igual à da rapariga e os óculos de sol de plástico era dos que se compravam

nos supermercados, ao lado das pilhas. Phillip sentou-se junto de Lyrica Crisp e, tal como a repariga, falou sem virar a cabeça. – Não estou surpreso por te encontrar aqui, Sophia – acrescentou ele, baixando os óculos e mostrando dois olhos brancos, vazios –, apenas desiludido por não me teres dito que também tinhas sido convidada.

Lyrica arquejou perante a terrível visão e Vivina recuou, perdida a apatia. Sophia fervia.

A repariga mostrou um cartão dourado – igual ao de Sophia, só que em Braille – entre dois dedos.

– Recebemos isto – disse ela. Sophia estendeu a mão para ter a certeza, mas com um movimento rápido o convite desapareceu no interior da gabardina castanha.

– Ouçam lá, seus *punks*! Eu marquei-vos as setas estelares com o símbolo das Anciãs. Vocês trabalham para *mim*...

– Correção – interrompeu-a Phillip. – Os Proscritos não trabalham para ninguém.

Sophia, que sempre achara estranha a maneira como eles davam a impressão de que não eram cegos, viu-o erguer ao de leve o pescoço, fingindo seguir o percurso de um cavalo na pista. Aliás, Phillip era capaz de as cegar às três com um simples estalar dos dedos.

– É pena terem feito um trabalho tão mau – replicou ela, sentindo subir o tom de voz e atraindo o olhar de um casal de idade. – Devíamos trabalhar juntos – sibilou ela –, apanhá-la e... e vocês falharam.

– Era igual.

– Desculpa?

– Acabaríamos por perdê-la na mesma, mais tarde ou mais cedo. Foi sempre o destino dela. E as Anciãs continuariam na mesma presas por um fio!

Sophia apetecia-lhe atirar-se a ele, estrangulá-lo até os olhos brancos lhe saltarem das órbitas. O punhal, dentro do saco que tinha no colo, queimava-a.

– Sente-se por favor – ressoou uma voz calma e autoritária, humilhante, fazendo tremer as cadeiras quando ela já se levantava. – A reunião vai começar. – Sophia soube de imediato quem era. Os mortais continua-

ram na mesma, mas ela sentiu um calor súbito na nuca que depois se lhe espalhou pelo corpo, paralisando-a. Não se tratava de um medo normal, vulgar, tratava-se de um terror extremo que a impedia de se virar, sequer, permitindo-lhe ver pelo canto do olho, apenas, um homem de fato escuro e cabelos negros curtos por baixo do chapéu. O rosto barbeado, afável e atraente, não era particularmente digno de memória por causa do nariz direito e dos olhos castanhos, familiares. Apesar de o ver pela primeira vez, a menina Sophia soube quem era no mais profundo do seu ser. – Onde está Cam? – perguntou a voz. – Ele também recebeu um convite.

– Se calhar a fazer de Deus dentro dos Anunciadores. Como os outros, aliás – disse Lyrica. Sophia beliscou-a.

– A fazer de *Deus*, disseste tu?

Sophia tentou arranjar palavras que desfizessem a *gaffe*.

– Alguns deles foram atrás de Lucinda no tempo – disse ela, por fim. – Incluindo dois Nefilim. Os outros, não sabemos quantos eram.

– Posso perguntar – disse o homem em tom gelado – por que razão nenhum de *vocês* foi atrás dela?

Sophia tentou engolir e até respirar. Todos os seus gestos intuitivos estavam paralisados pelo pânico.

– Nós ainda... bem... nós ainda não temos capacidade para...

A rapariga Proscrita interrompeu-a.

– Os Proscritos estão...

– Silêncio – ordenou a voz. – Poupei-me às vossas desculpas porque já não interessam. Tal como vós, aliás. – O grupo obedeceu, petrificado, sem saber o que responder, como agradar àquele homem. – O que está em jogo é demasiado importante, não posso deixar nada ao acaso – acrescentou ele por fim em tom mais suave mas não menos letal. – Chegou a hora de o assunto passar para as minhas mãos – concluiu ele em tom mais suave ainda, após uma pausa. Sophia tentou esconder o horror o mais possível, mas não conseguiu evitar os tremores. Ele, envolvido? Era uma perspectiva terrível, não conseguia imaginar-se a trabalhar *com ele*... – A partir de agora vocês ficam fora disto.

– Mas... – deixou escapar Sophia sem querer, mas já sem poder voltar atrás. Tantas décadas de trabalho! Os seus planos! Os seus planos todos!

Seguiu-se um longo rugido que fez tremer a terra, que reverberou ao longo das cadeiras, que pareceu percorrer o hipódromo numa fracção de segundo.

Sophia encolheu-se. O som entrou-lhe no corpo, fazendo-a sentir o coração a desfazer-se-lhe.

Lyrica e Vivina encostaram-se uma à outra de olhos fechados e até os Proscritos tremeram.

Sophia pensou que era o seu fim, mas de súbito o rugido deu lugar a um silêncio absoluto e ela olhou em volta. Os espectadores não tinham ouvido nada.

– A tua hora chegou ao fim – disse-lhe a voz ao ouvido. – Não te atrevas a pôr-te no meu caminho.

Na pista ouviu-se outro tiro e o grande portão abriu-se de novo, só que daquela vez o som dos cascos parecia minúsculo, parecia uma chuva fininha a cair na copa de umas árvores.

Antes que os cavalos atravessassem a linha de meta, a figura atrás deles desapareceu, deixando apenas as marcas negras de uns cascos nas pranchas da bancada.

CAPÍTULO 1



Debaixo de fogo

MOSCOVO, 15 DE OUTUBRO DE 1941

– *Lucinda! Não vás! Espera!*

As vozes chegavam-lhe através da escuridão, mas ela ignorou-as. O som fazia ricochete nas paredes sombrias do Anunciador, provocando-lhe arrepios. As vozes eram de Daniel, de Cam, de Arriane ou de Gabbe? Era Roland que lhe pedia para esperar ou era Miles? Tornava-se cada vez mais difícil distingui-las, até que se tornou mesmo impossível. Devia ser fácil separar as boas das más, as amigas das inimigas, mas já nada era fácil. Tudo o que fora preto e branco passara a ser cinzento.

É claro que ambos os lados queriam a mesma coisa: tirá-la do Anunciador para sua própria *protecção*, diziam eles.

Não, obrigada, ainda por cima depois de lhe terem dado cabo do quintal, transformado em mais um dos seus campos de batalha. Sempre que pensava nos rostos dos seus pais, Luce apetecia-lhe voltar, apesar de não saber como. Além do mais era demasiado tarde. Cam tentara *matá-la* ou, pelo menos, tentara matar a pessoa que pensava ser ela. Miles salvara-a, mas nem aquilo era simples porque ele só conseguira projectar-lhe o reflexo porque gostava *muito* dela.

E Daniel também gostaria dela? Era impossível saber.

No fim, quando o Proscrito se aproximara, Daniel e os outros tinham olhado para *ela* como se ela lhes devesse alguma coisa.

– *Tu és a nossa entrada no Céu* – dissera-lhe o Proscrito. *O preço*. Que significava aquilo? Semanas antes nem sequer sabia que os Proscritos existiam e naquele momento a única coisa que sabia era que queriam qualquer coisa, o suficiente para lutarem com Daniel. Devia ter que ver com a maldição, a que fazia com que ela estivesse sempre a reencarnar. Eles achavam que ela podia fazer o quê?

A resposta estaria ali, algures?

Aos trambolhões na sombra fria do Anunciador, Luce sentiu um nó no estômago.

– *Luce...*

As vozes começavam a esbater-se e em breve não passavam de sussurros, como se eles tivessem desistido, até que começaram a ouvir-se outra vez melhor, alto e bom som.

– *Luce...*

– *Lucinda...*

– *Lucy...*

– *Lucia...*

– *Luschka...*

Não. A jovem cerrou os olhos; tinha frio, estava cansada e não queria ouvi-los, queria estar só, ao menos uma vez.

Luschka! Luschka! Luschka!

Os seus pés bateram em qualquer coisa muito, muito fria.

Estava em terra firme, pensou ela, já não andava aos trambolhões, apesar de não conseguir ver nada senão um manto de escuridão, até que olhou para o chão e arquejou.

As sapatilhas estavam enterradas numa camada de neve que lhe chegava às canelas. O frio e a humidade a que se habituara, o túnel sombrio através do qual viajara para o passado a partir do quintal, estavam a dar lugar a outra coisa qualquer, qualquer coisa tumultuosa e frígida.

A primeira vez que entrara num Anunciador, no seu quarto do dormitório de Shoreline, fora parar a Las Vegas com Shelby e Miles e à chegada tinham encontrado uma cortina a separá-los da cidade. Como fora o único a ler os textos, este começara a bater no Anunciador com movimentos circulares, por tentativas, até ela se dissipar.

Daquela vez, porém, não havia cortina nenhuma, talvez porque viajava sozinha. O véu escuro afastou-se com toda a facilidade, talvez com demasiada facilidade.

O frio fê-la arquejar, paralisando-lhe as pernas e as costelas, e o vento encheu-lhe os olhos de lágrimas.

Onde estava?

Luce já se sentia arrependida do salto no tempo. Era verdade que precisava de fugir e sim, queria desvendar o passado, evitar a dor a todas as Luces, tentar entender o amor que tivera a Daniel ao longo dos séculos, *senti-lo*, em vez de lhe dizerem como fora; perceber – e remediar – a maldição que lhe tinham lançado, a ela e a Daniel.

Mas não assim, gelada, sozinha, sem qualquer preparação.

Luce via uma rua branca na sua frente, um céu cinzento de chumbo por cima de uns edifícios brancos e ouvia ao longe um ribombar, mas não queria saber o que era.

– Espera – sussurrou ela ao Anunciador. A sombra afastou-se preguiçosamente uns trinta centímetros. Luce tentou apanhá-la, mas ela afastou-se ainda mais. Com um salto, a jovem agarrou-a por uma ponta... Mas então, numa fracção de segundo, o Anunciador desfez-se em suaves fragmentos negros que, ao pousarem na neve, desapareceram. – Bestial – resmungou ela. – E agora?

Ao longe, a rua estreita curvava para a esquerda e ia dar a um cruzamento escuro. Os passeios estavam cheios de neve empilhada, encostada às fachadas gravadas com arcos e colunas dos edifícios brancos.

Todas as janelas estavam apagadas. Luce ficou com a sensação de que toda a cidade estava às escuras. A única luz provinha de um candeeiro a gás. Se havia Lua, estava escondida por trás das nuvens. Outro ribombar. Um trovão?

Luce abraçou-se a si própria, gelada.

– Luschka! – Uma voz de mulher, rouca e áspera, a voz de uma pessoa habituada a dar ordens. – Luschka, palerma, onde estás? – repetiu a voz algo trémula, mais próxima. Estava a chamar por ela? Havia qualquer coisa de estranho naquela voz. Quando a mulher contornou a esquina da rua, pequena, inclinada um pouco para a frente, na casa dos sessenta,

Luce olhou para ela, tentando reconhecê-la. As roupas volumosas pareciam grandes de mais para ela e tinha os cabelos por baixo de um grosso lenço preto. Ao ver Luce, o rosto da mulher fez uma careta. – Onde estiveste?

Luce olhou em volta e viu que era a única pessoa na rua. A mulher estava mesmo a falar com ela.

– Aqui mesmo – respondeu ela, *em russo*.

A jovem levou uma mão à boca. Por isso a voz lhe parecera estranha. A mulher falava uma língua que ela nunca ouvira, mas apesar disso percebia-a e falava-a.

– Ainda te mato – replicou a mulher, respirando com dificuldade, correndo para ela e abraçando-a.

Luce quase chorou ao sentir-lhe o calor do corpo depois daquele frio glacial e retribuiu o abraço, perguntando a si própria como era possível uma mulher de aspecto tão frágil ter tanta força.

– Avó? – murmurou ela, sentindo, sem saber como, que era o que a mulher era.

– Sempre que saio do trabalho, não te encontro. Agora andas pelas ruas como uma louca? Foste trabalhar hoje, pelo menos? Onde está a tua irmã? – Outro ribombar. A tempestade aproximava-se rapidamente. Luce estremeceu e abanou a cabeça, sinal de que não sabia. – Ah! Estou a ver que também estás preocupada. – A mulher afastou-a um pouco para a ver melhor. – Meu Deus, que roupa é essa? Luce encolheu-se, sentindo a sua avó de uma vida anterior a olhar-lhe para as *jeans* e a passar-lhe os dedos grossos pelos botões da camisa de flanela. – Às vezes penso que és tão maluca como o teu pai, que Deus tenha em eterno descanso – disse a mulher, agarrando-lhe no curto rabo-de-cavalo.

– Eu não... eu não sabia que estava tanto frio – replicou Luce, batendo os dentes.

A mulher cuspiu para o chão para mostrar o seu desagrado e tirou o casaco comprido.

– Veste isto antes que morras – disse ela, cobrindo-a com rudeza. Luce tentou abotoá-lo com os dedos meio gelados, enquanto a sua avó tirava o lenço e lhe cobria a cabeça com ele.

Um grande estrondo sobressaltou-as às duas e Luce percebeu que não se tratava de um trovão.

– O que é isto? – murmurou ela.

A anciã olhou para ela.

– É a guerra – resmungou ela. – Para além da roupa também perdeste o juízo? Vamos embora.

Enquanto percorriam a rua coberta de neve, Luce apercebeu-se de que, afinal, a cidade não estava vazia. Para além de alguns carros estacionados, ouviam-se, nas ruas laterais, relinchos de cavalos e nos terraços dos edifícios viam-se silhuetas a correr. Numa viela um homem, com um sobretudo esfarrapado, ajudava três crianças a entrar numa cave.

A rua estreita dava para uma grande avenida ladeada de árvores, de onde se podia avistar uma parte da cidade. Os únicos veículos estacionados eram militares, antiquados, quase absurdos, relíquias de um museu: jipes de capota de lona, guarda-lamas enormes, rodas finas e a foice e o martelo soviéticos pintados nas portas. Porém, para além de Luce e da sua avó, a avenida estava deserta. Era tudo, excepto o horrível ribombar no céu, fantasmagórico, assustador.

Luce viu ao longe um rio e na outra margem um grande edifício. Até na escuridão se vislumbravam as espirais e as abóbadas em forma de cebola, familiares e míticas ao mesmo tempo. A jovem sentiu um calafrio; estava em Moscovo e a cidade era palco de guerra.

Umhas colunas de fumo negro subiam em direcção ao céu cinzento, assinalando as zonas atingidas: à esquerda do Kremlin, por trás dele e à direita, ao longe. Não se combatia nas ruas, não havia sinal de soldados inimigos, mas as chamas que lambiam os edifícios carbonizados, o cheiro e a ameaça latente ainda eram piores.

Luce sentiu que nunca se metera num sarilho tão grande em todas as suas vidas. Os seus pais matavam-na se soubessem onde estava, e Daniel, se calhar, nunca mais lhe falava.

Mas e se eles nem sequer tivessem hipótese de se enfurecer? Ela podia morrer ali mesmo, naquela zona de guerra.

Por que razão fizera aquilo?

Porque *tinha* de ser. Era difícil desenterrar aquela pontinha de orgulho no meio de tanto pânico, mas ela devia lá estar.

Tinha passado, sozinha, tinha ido parar a um sítio distante no espaço e no tempo, a um passado que precisava de compreender, era aquilo que queria, estava farta de ser um mero peão num jogo de xadrez.

Mas ia fazer o quê?

Luce continuou a andar de mão dada com a sua avó. Era estranho aquela mulher não sentir aquilo por que ela estava a passar, não fazer ideia de quem ela era. No entanto, a sua mão seca e forte mantinha-a em movimento.

– Onde vamos? – perguntou ela quando a avó meteu por uma rua escura esburacada, quase sem pavimento, escorregadia. A neve encharcava-lhe os sapatos de ténis e os dedos começavam a arder-lhe, do frio.

– Buscar a tua irmã Kristina – respondeu a anciã em tom zangado –, que passa a noite a cavar trincheiras com as mãos para que tu possas ter o teu sono de beleza. Lembras-te dela?

Não havia candeeiros no sítio onde pararam. Luce pestanejou para ajudar os olhos a adaptarem-se à escuridão. Estavam em frente do que parecia ser uma grande vala, mesmo no meio da cidade.

Deviam ser uns cem, tapados até às orelhas, uns de pá na mão, outros de joelhos, cavando com as próprias mãos e outros ainda imóveis, como que gelados, olhando para o céu. Alguns soldados transportavam a terra e as pedras em carrinhos de mão meio desconjuntados e carroças para a barricada que estava a ser erguida no outro lado da avenida, envoltos em espessos capotes de lã que lhes chegavam aos joelhos, mas por baixo dos capacetes de aço os seus rostos eram tão esqueléticos quanto os dos civis. Lucinda percebeu que trabalhavam todos juntos, homens, soldados, mulheres, crianças, transformando a cidade numa fortaleza, fazendo o que podiam até ao último minuto para evitar o avanço dos tanques inimigos.

– Kristina – gritou a avó, tal como quando chamara Luce, com uma nota de pânico e amor na voz.

– Por que demorou tanto tempo? – perguntou uma rapariga quase de imediato.

Alta e magra, com madeixas escuras de cabelo a escaparem-lhe do chapéu, Kristina era tão bonita que Luce sentiu um nó na garganta, reconhecendo de imediato que pertenciam à mesma família, lembrando-lhe Vera,

outra irmã de uma outra vida. A jovem pensou que devia ter tido mais de mil irmãos, irmãs, pais e amigos que devia ter amado e perdido. Todos eles tinham passado por algo semelhante, sem saber o que os esperava.

Talvez houvesse uma maneira de alterar aquilo, de o tornar mais fácil para as pessoas que a tinham amado.

Ouviu-se uma grande explosão, fazendo-lhe tremer o chão debaixo dos pés e rebentando-lhe quase o tímpano direito. As sirenes fizeram-se ouvir.

– Baba – exclamou Kristina, agarrada ao braço da avó. – Os nazis... Eles estão aqui, não estão?

Os alemães. Era a primeira vez que Luce viajava sozinha no tempo e aterrava em plena Segunda Guerra Mundial.

– Eles estão a atacar Moscovo? – perguntou ela com voz trémula. – Agora mesmo? Esta noite?

– Devíamos ter saído da cidade com os outros – disse Kristina em tom amargo. – Agora é tarde.

– E abandonar o teu pai, a tua mãe e o teu avô? – Baba abanou a cabeça. – Deixá-los sozinhos nas campas?

– Acha que era melhor juntarmo-nos a eles no cemitério? – escarrou a rapariga, virando-se para Luce e apertando-lhe o braço. – Sabias do ataque? Tu e o teu amigo *kulak*? Foi por isso que não foste trabalhar esta manhã? Estavas com ele, não estavas?

Que estava ela a dizer? Estava com quem, se não com Daniel?

Claro. Luschka devia estar com ele naquele momento. Ora, se a sua família confundia *aquela* Luschka com Luce...

A jovem sentiu um aperto no peito. Quanto tempo tinha? E se conseguisse encontrar Luschka antes de ela morrer?

– *Luschka!*

A irmã e a avó olharam para ela.

– O que tem ela esta noite? – perguntou Kristina.

– *Vamos embora* – respondeu Baba com uma careta. – Pensam que os moscovitas vão deixar as caves abertas por nossa causa?

No céu ouviu-se o som das hélices de um caça. Luce levantou os olhos e viu a cruz suástica pintada na parte de baixo das asas do avião, arrepiando-a. Seguiu-se outro estrondo e o ar encheu-se de fumo tóxico;

tinham atingido qualquer coisa nas proximidades. Duas outras explosões fizeram-lhe tremer o chão debaixo dos pés.

A rua estava um caos. A multidão da vala desaparecia por entre as ruas estreitas. Alguns desciam para a estação do metro, à esquina, enquanto outros entravam nas portas que estivessem abertas.

Luce vislumbrou, no quarteirão a seguir, uma rapariga da sua idade com um chapéu encarnado e um casaco comprido de lã da mesma cor, a correr, virando a cabeça por um segundo, o suficiente para a jovem a reconhecer.

Lá estava ela.

Luschka.

Luce largou o braço de Baba.

– Desculpem, mas tenho de ir – disse ela, respirando fundo e correndo pela rua fora na direcção da coluna de fumo, para onde o bombardeamento era mais intenso.

– Estás maluca? – gritou-lhe Kristina ao lado da avó, estática. Só se também fossem malucas é que iam atrás dela.

Luce tinha os pés dormentes por causa da neve e, quando chegou à esquina onde vira a rapariga de chapéu encarnado, abrandou e parou, espantada.

O edifício que ocupava quase metade do quarteirão desaparecera. As paredes em ruínas, antes brancas, estavam negras e da cratera provocada pela bomba erguia-se um incêndio.

A explosão arrancara uma infinidade de detritos do interior do prédio e a neve estava manchada de encarnado. Luce recuou, mas depois apercebeu-se de que as manchas não eram de sangue, eram farrapos de seda. No edifício devia ter havido um alfaiate ou uma modista porque espalhados pela rua viam-se também cabides e até um manequim num buraco, a arder. Luce tapou a boca com o lenço da sua avó para não sufocar com o fumo. A neve estava cheia de vidros e de pedras.

O melhor era voltar para trás, ir à procura de abrigo com a sua avó e a sua irmã, mas não podia; tinha de encontrar Luschka. Era a primeira vez que estava tão perto de si própria no passado. Talvez Luschka a ajudasse a perceber por que razão o seu tempo de vida era diferente, por que razão Cam

lhe disparara uma seta estelar no reflexo, pensando que era ela, dizendo ao mesmo tempo a Daniel: «Foi melhor assim.» Melhor assim porquê?

Luce virou-se devagar, tentando avistar o chapéu encarnado.

Lá estava ele.

A rapariga corria na direcção do rio. Luce foi atrás dela.

Corriam as duas no mesmo passo. Quando Luce se baixava ao ouvir uma explosão, Luschka fazia o mesmo, imitando-lhe de maneira estranha os movimentos. E quando chegaram à margem do rio, pararam as duas ao mesmo tempo.

Cinquenta metros à sua frente, a imagem de Luce começou a soluçar.

Moscovo estava em chamas. Tantas casas destruídas, tantas vidas ceifadas, mas para Luce era tudo distante e inatingível, como se o tivesse lido num livro.

A rapariga recomeçou a correr, tão depressa que Luce nunca conseguiria apanhá-la, mesmo que quisesse, passando por crateras gigantes abertas na rua, por edifícios a arder, crepitando, contaminando os seguintes, por camiões militares virados ao contrário, com braços enegrecidos a saírem pelos lados.

Luschka virou de repente à esquerda e Luce deixou de a ver.

A adrenalina tomou conta dela. A jovem continuou a correr cada vez mais depressa. As pessoas só corriam daquela maneira quando estavam desesperadas, quando qualquer coisa maior do que elas as aguilhoava.

Luschka só podia estar à procura de uma coisa.

– Luschka...

A voz dele.

Onde estava ele? Luce esqueceu por um momento o seu passado, a rapariga russa em risco de morrer a qualquer momento, o facto de aquele Daniel não ser o seu Daniel, só que...

Era evidente que era.

Daniel não morria, estava sempre ali, era dela e ela era dele. Luce só queria os braços dele, afogar-se neles. Ele devia saber o que ela andava a fazer, devia ser capaz de a ajudar; não podia duvidar dele.

Luce desatou a correr na direcção da voz, mas não viu Daniel nem Luschka. A um quarteirão da margem do rio a jovem parou num cruza-

mento, sentindo os pulmões, os ouvidos e os pés gelados, ao ponto de quase não conseguir manter-se de pé.

Em que direcção?

Na sua frente via-se um espaço vazio cheio de cascalho, isolado da rua por uma rede de arame. Não era preciso ser-se um grande génio para se perceber que se tratava de uma demolição e não do efeito de uma bomba, parecia apenas um buraco enorme, feio e abandonado. Luce não percebia por que razão continuava a olhar para ele. Por que razão desatara a correr atrás da voz de Daniel...? De repente a jovem aproximou-se da rede, agarrou-se a ela, pestanejou e viu qualquer coisa a brilhar.

Uma igreja. Uma igreja branca e majestosa no meio daquele buraco enorme, com um enorme tríptico de arcos de mármore na fachada, cinco flechas douradas a subir para o céu, filas e filas de bancos de madeira no interior e um altar ao fundo, no alto de uns degraus brancos. As paredes e o tecto estavam cobertos de frescos maravilhosos, cheios de anjos.

A Igreja de Cristo Salvador.

Como sabia Luce? Por que razão sentia, em cada fibra do seu ser, que naquele espaço vazio existira uma formidável igreja branca?

Apenas porque não era a primeira vez que estava ali. A jovem viu as mãos de alguém impressas na rede empoeirada: Luschka parara ali, olhara para as ruínas da igreja e sentira qualquer coisa.

Luce agarrou-se à rede, pestanejou de novo e viu-se a si própria... ou Luschka... em rapariga.

Estava sentada num dos bancos com um vestido branco de renda, escutando o órgão enquanto as pessoas entravam para assistir à missa. O homem bem-parecido a seu lado devia ser o seu pai e a mulher ao lado dele devia ser a sua mãe. Lá estava a avó que Luce conhecera... e Kristina. Ambas pareciam mais novas e mais bem alimentadas. Luce lembrou-se de a avó ter dito que os seus pais tinham morrido, mas ali pareciam tão vivos! E pareciam conhecer toda a gente porque cumprimentavam cada família que passava por eles. Luce viu o seu pai apertar a mão a um jovem louro muito bonito, que depois se inclinou para ela com um sorriso e uns olhos cor de violeta maravilhosos.

Luce pestanejou e a visão desapareceu. O espaço na sua frente voltou a ser, de novo, um buraco enorme cheio de cascalho. A jovem estava gelada

e só. Na outra margem do rio rebentou outra bomba. O choque fê-la cair de joelhos e levar as mãos ao rosto...

Luce ouviu alguém a chorar de mansinho, levantou a cabeça, perscrutou as ruínas e viu-o.

– Daniel – murmurou ela. O rapaz estava na mesma, quase luminoso apesar da escuridão gelada, com os mesmos cabelos louros que ela adorava acariciar e os olhos azul-acinzentados que pareciam ter sido feitos para se fixar nos seus, o rosto formidável, as maçãs do rosto salientes, os lábios... O coração apertou-se-lhe e ela teve de se agarrar com força à rede para não correr para ele.

Porque Daniel estava com Luschka, consolando-a, afagando-lhe as faces e beijando-lhe as lágrimas, abraçado a ela, tão perdidos um no outro que não sentiram o chão tremer com outra explosão. Era como se não existisse mais ninguém no mundo.

Os dois corpos estavam colados, era difícil dizer onde começava um e acabava outro por causa da escuridão.

Lucinda pôs-se em pé e começou a andar pelo meio do cascalho, ansiosa por estar mais perto dele.

– Pensei que nunca mais te encontrava – disse o eu passado de Luce.

– Encontrar-nos-emos sempre – replicou Daniel, levantando-a do chão e apertando-a contra si. – Sempre.

– Ei, vocês os dois! – gritou uma voz vinda de um prédio próximo. – Vêm ou não?

Um grupo de pessoas, no outro lado do buraco, estava a ser conduzido na direcção de um edifício por um homem cujo rosto Luce não distinguiu. Era para onde Luschka e Daniel também iam. O seu plano devia ter sido sempre aquele, juntos abrigarem-se das bombas.

– Vamos! – gritou Luschka, olhando para Daniel. – Vamos com eles.

– Não – replicou ele, brusco, nervoso. Luce conhecia muito bem aquele tom de voz. – É mais seguro na rua. Não foi por isso que aceitaste encontrar-te comigo aqui?

Daniel virou-se para o sítio onde Luce estava escondida. Quando o céu se iluminou com mais uma explosão, Luschka gritou, enterrou o rosto no peito de Daniel e só Luce viu a expressão do rosto do rapaz.

Havia qualquer coisa que o preocupava, qualquer coisa pior do que o medo das bombas.

Oh, não.

– Daniil! – gritou um rapaz à porta do abrigo. – Luschka! Daniil!

Já não havia mais ninguém na rua.

Foi então que Daniil virou Luschka para si e lhe murmurou qualquer coisa ao ouvido. Luce, no seu esconderijo, só queria saber o que ele lhe estava a segredar, se seria o que lhe dizia quando *ela* estava preocupada ou confusa, só queria correr para ele e afastá-lo de Luschka, mas não podia. Algo dentro de si a impedia de se mexer.

A jovem fixou a expressão de Luschka, como se dela dependesse a sua vida.

Talvez dependesse.

Luschka anuiu e o rosto acalmou-se, tornou-se quase tranquilo. A rapariga fechou os olhos, anuiu mais uma vez, atirou a cabeça para trás e sorriu.

Um sorriso?

Mas porquê? Como? Era como se soubesse o que ia acontecer a seguir.

Daniil tomou-a nos braços e beijou-a de novo, esmagando-lhe a boca, passando-lhe as mãos pelos cabelos e depois pelo corpo todo.

A cena era tão apaixonada, tão íntima, tão deslumbrante, que Luce corou, ofegante, incapaz de desviar os olhos, nem sequer quando Luschka gritou, explodindo numa coluna de chamas brancas.

O incêndio era do outro mundo, fluido e quase elegante, medonho, qual grande lenço de seda a rodopiar-lhe em volta do corpo, envolvendo-a, iluminando-lhe os membros a arder. Daniil não a largou, nem sequer quando o fogo lhe chamuscou a roupa, amparando-lhe o corpo inconsciente enquanto as chamas lhe lambiam a carne com um silvo acre e feio e a pele começava a enegrecer.

Só quando as labaredas se extinguíram, tão depressa como uma vela a apagar-se, deixando apenas cinzas, é que Daniil deixou cair os braços.

Luce nunca imaginara uma coisa daquelas ao pensar visitar as suas vidas passadas: assistir à sua própria morte.

A realidade era mais horrível do que os seus piores pesadelos. A jovem ficou na neve, paralisada com a visão, incapaz de se mexer.

Daniil afastou-se da neve enegrecida pelas cinzas e começou a chorar. As lágrimas deixavam-lhe sulcos nas faces chamuscadas. O rapaz tinha o rosto retorcido e as mãos tremiam-lhe, nuas, grandes e vazias como se – apesar de o pensamento deixar Luce estranhamente ciumenta – sentissem a falta da cintura, dos cabelos e das faces de Luschka. Que se fazia com umas mãos que só queriam agarrar num corpo que desaparecera de repente? O corpo de uma rapariga, uma vida inteira desaparecida para sempre.

A dor no rosto do rapaz enterrou-se no coração de Luce, espremendo-o, fazendo-a contorcer-se. A agonia a que estava a assistir superava toda a dor e confusão que sentia.

Era assim que ele sentia cada vida.

Cada morte.

Uma vez e outra, vezes sem conta.

Luce enganara-se ao imaginar que Daniel era egoísta. Daniel importava-se, por isso se sentia tão destruído e ela compreendia-lhe a amargura, a sua reserva em relação a tudo, apesar de a odiar. Miles podia amá-la, mas o seu amor não era nada comparado com o de Daniel.

Nunca poderia ser.

– Daniel! – gritou ela, correndo para ele, ansiosa por lhe devolver os beijos e os abraços que ele acabava de dar a si própria no passado, consciente de que não podia fazer aquilo.

Um olhar de horror abjecto passou pelos olhos do rapaz.

– O que é isto? – perguntou ele, acusador, como se não tivesse acabado de ver morrer a sua Luschka, como se fosse pior ver Luce viva do que Luschka morta. – O que é isto? – repetiu ele, apontando um dedo enegrecido para ela.

Era uma agonia vê-lo olhar para ela daquela maneira. Luce parou e engoliu uma lágrima.

– Responde-lhe – disse uma voz vinda das sombras. – Como chegaste aqui?

Luce reconheceria a voz arrogante de Cam em qualquer sítio.

Com um estalo suave e o rumor de uma enorme bandeira a desfraldar-se, este abriu as grandes asas, tornando-se mais magnífico e intimidante

do que nunca, emitindo um brilho dourado. Luce não conseguia desviar o olhar.

A rapariga semicerrou os olhos, tentando tirar sentido da cena que tinha na sua frente. Das sombras saíam mais silhuetas.

Gabbe, Roland, Molly, Arriane.

Tensos, com as asas abertas, palpitantes, como que prontos para o combate, formando um mar dourado e prateado à sua volta.

Luce não se sentia intimidada pela glória das suas asas ou pelo peso dos seus olhares, sentia-se repugnada.

– Vocês assistem *sempre*? – perguntou ela.

– Diz-nos o que se passa, Luschka – disse Gabbe, impassível.

Daniil aproximou-se dela e abanou-a pelos ombros.

– Luschka!

– Eu não sou Luschka! – gritou Luce, afastando-se dele e recuando meia dúzia de passos, horrorizada.

Parecia impossível eles conseguirem viver com aquilo, com a visão da sua morte. Era demasiado; não estava preparada para ver aquilo.

– Por que estás a olhar para mim dessa maneira? – perguntou-lhe Daniil.

– Ela não é quem tu pensas, Daniil – disse Gabbe. – Luschka morreu. Isto é... isto é...

– *É o quê?* – voltou a perguntar Daniil. – Como está ela aqui? Quando...

– Olha-lhe para a roupa. É evidente...

– Cala-te, Cam, pode não ser – disse Arriane, também ela meio assustada com a possibilidade de Luce ser o que Cam ia dizer que ela era. Mais silvos vindos do ar e depois as bombas a caírem nos edifícios do outro lado da rua, incendiando-os e ensurdecendo Luce. Os anjos não estavam preocupados com a guerra à sua volta, apenas com ela. A jovem estava a seis metros deles, tão desconfiada deles como eles dela.

A sombra de Daniil era enorme, provocada pela luz dos incêndios. Luce concentrou-se na possibilidade de conseguir atraí-la a si; conseguiria? Os olhos semicerraram-se-lhe. Com os músculos tensos – era ainda tão desajeitada naquilo, não sabia ao certo como pegar nela – a jovem atacou quando as linhas negras começaram a palpitar, apanhou a sombra com

as duas mãos e começou a transformá-la numa bola, tal como lhe tinham ensinado Steven e Francesca, os seus professores, nos primeiros dias em Shoreline. No início os Anunciadores eram sempre desalinhados e amorfos, era preciso dar-lhes, primeiro, uns contornos diferentes, só depois podiam ser puxados e estendidos, transformados numa superfície maior e lisa, num ecrã através do qual se podia vislumbrar o passado ou num portal pelo qual se entrava.

Aquele Anunciador era pegajoso, mas ela conseguiu abri-lo, dar-lhe forma. Luce meteu lá a mão e abriu o portal, consciente de que não podia continuar ali, consciente de que tinha uma missão: ir parar a outro tempo e saber a que preço se tinham referido os Proscritos, descobrir a origem da maldição existente entre Daniel e ela e quebrá-la.

Os anjos arquejaram ao verem-na manipular o Anunciador.

– Quando aprendeste a fazer isso? – murmurou Daniil.

Luce abanou a cabeça. A explicação deixá-lo-ia apenas desconcertado.

– Lucinda!

Foi a última coisa que a jovem ouviu, a voz dele a chamá-la pelo seu verdadeiro nome.

Era estranho ter-lhe olhado para o rosto e não o ter visto a mexer os lábios, pensou a jovem. A mente estava a pregar-lhe partidas.

– Lucinda! – gritou ele de novo, em pânico, antes de Luce mergulhar de cabeça na escuridão.

CAPÍTULO 2



Enviado pelo céu

MOSCOVO, 15 DE OUTUBRO DE 1941

– Lucinda! – gritou de novo Daniel, no momento em que ela desaparecia. O rapaz acabava de aparecer na paisagem gelada varrida pela neve depois de sentir a luz e o calor de uma chama atrás de si. Daniel correu na direcção da esquina escura onde a vira, minúscula, vestida com um casaco roto, assustada, abrindo uma sombra e... – Não! – Um *rocket* esmagou-se contra um edifício atrás de si. O chão tremeu, a rua saltou, abriu-se ao meio e uma chuva de vidros, aço e cimento caiu no pavimento. Em seguida ficou tudo em silêncio, mas Daniel nem reparou, incrédulo, no meio dos detritos. – Ela vai recuar ainda mais – resmungou ele, sacudindo a poeira dos ombros.

– Ela vai recuar ainda mais – disse alguém.

Aquela voz. *A sua voz*. Um eco?

Não, perto de mais para ser um eco e demasiado clara para lhe ter vindo da cabeça.

– Quem disse isso? – perguntou ele, correndo por entre um emaranhado de andaimes, para onde Luce estivera.

Dois arquejos.

Daniel olhando para si próprio, só que não uma imagem exacta, antes uma versão anterior, uma versão ligeiramente menos cínica, mas de quando? E de onde?

– Não toquem um no outro! – gritou-lhes Cam de uniforme, botas de combate e casaco preto volumoso.